

O Intelectual pensa o Brasil: o Nacional-Desenvolvimentismo na perspectiva do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)

Fabício Augusto Souza Gomes¹

Resumo: Este trabalho vincula-se à linha de pesquisa da História das Instituições, com dimensões econômicas, políticas e sociais, orientado em abordar a questão do nacional-desenvolvimentismo no Brasil, sob o ponto-de-vista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), no cenário político que envolveu o período de 1955 a 1964. O ISEB foi um dos pináculos do pensamento contemporâneo brasileiro e era formado por um grupo de intelectuais, oriundos das mais diversas orientações teóricas e ideológicas, reunidos em torno de uma visão dualista da História e de um ideal em comum – o projeto de pensar a transformação do Brasil através de seu processo de industrialização e de desenvolvimento.

Palavras-chave: Nacional-Desenvolvimentismo; Intelectual; Instituição.

Résumé: Ce travail s'attache a la ligne de recherche de l'Histoire des Institutions - les dimensions économiques, politiques e sociales - guidé à aborder la question de la national-developpementisme au Brésil, vue par l'ISEB - Institute Superieur d'Études Brésiliens, dans le scène politique pendant le période de 1955 à 1964. ISEB a été un des sommets de la pensée contemporaine brésilienne et était formée par des intellectuels originaires de les plus diverses orientations théoriques et idéologiques, réunis autour d'une vision dualiste de l'Histoire et d'une idée: le projet de penser la transformation du Brésil à travers son processus d'industrialisation et de développement.

Mots-clés: National-Developpementisme ; Intellectuel ; Institution

Ao estudar com mais profundidade o panorama social, econômico e político resultante dos acontecimentos no período posterior a 1930 no Brasil, me deparei com a existência de um grupo de intelectuais, oriundos das mais distintas orientações teóricas e ideológicas, reunidos em torno de uma visão dualista da História e de um ideal em comum – o projeto de pensar a transformação do Brasil, através de seu processo de industrialização e de desenvolvimento. Mais do que *pensar o Brasil*, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), instituição criada em 14 de julho de 1955, simbolizou a motivação do intelectual pela idéia de engajamento social e político. O conceito de *engajamento* – encontrado principalmente nas obras de Sartre – encontrou ressonância nos intelectuais deste instituto.

É perceptível a confluência do intelectual no cenário nacional, já crescente desde o início dos anos 30, convergindo na convicção de que, por meio do debate e do confronto das

¹ Mestrando em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

idéias, seria possível formular um projeto ideológico comum para a nação. Abandonando a torre de marfim machadiana - idéia postulada num discurso de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, no final do século XIX, onde cabia ao intelectual apenas ficar numa redoma (“torre de marfim”), excluído e alienado aos problemas nacionais – o intelectual passava a *romper a barreira*, adquirindo uma visão mais crítica e participativa, face aos problemas nacionais.

Os principais representantes no ISEB foram os filósofos Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier e Michel Debrun; o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos; os economistas Ignácio Rangel, Rômulo de Almeida e Ewaldo Correia Lima; o historiador Nelson Werneck Sodré; e os cientistas políticos Hélio Jaguaribe e Cândido Mendes de Almeida.

No *Pensar o Brasil* do ISEB, confrontavam-se simpatizantes do marxismo, do existencialismo de Sartre e Scheler, da fenomenologia de Jaspers, da sociologia do conhecimento de Mannheim, do historicismo de Dilthey, do culturalismo de Ortega y Gasset e até entusiastas do integralismo.

A heterogeneidade de idéias encontrada neste instituto, contudo, negava o plano das especialidades e direcionava-se a pensar no *Todo*, servindo de estímulo para a tentativa de entendimento do universo de idéias que confluíam de seus integrantes. O instituto foi idealizado por seus integrantes em diferentes níveis: o *Todo* da instituição *versus* as individualidades parciais que o integravam; o contexto da realidade brasileira *versus* a especificidade de uma instituição como o ISEB; o amplo projeto ideológico do desenvolvimento nacional concebido pelo ISEB *versus* a especificidade da corrente estrutural-culturalista. O povo brasileiro era o principal agente da História.

O projeto do ISEB datava de muito antes da criação do instituto. Sua gênese encontrava-se num suplemento cultural na 5ª Página do *Jornal do Commercio*, publicado a partir de 24 de julho de 1949, semanalmente às sextas-feiras, em artigos de Helio Jaguaribe e Oscar Lorenzo Fernandez. A 5ª Página foi conseguida graças ao poeta Augusto Frederico Schmidt (amigo de Helio Jaguaribe), que interveio junto ao diretor do jornal.

A partir de 1952, um grupo de estudiosos do Rio de Janeiro e de São Paulo começou a se reunir, periodicamente, na cidade de Itatiaia (RJ) para discutir os grandes problemas da época. O local fora estrategicamente escolhido, já que se situava na metade do caminho entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Daí a denominação de *Grupo de Itatiaia*, pela qual o grupo ficou conhecido. Aqueles que vinham de São Paulo tinham, em sua maioria, formação filosófica, com posicionamento à direita. Já o grupo oriundo do Rio de Janeiro tinha

formação em Ciências Sociais, ideologicamente oposto ao grupo de São Paulo. Constava na pauta dos encontros o esclarecimento de problemas relacionados à interpretação econômica, sociológica, política e cultural de nossa época, com a análise, em particular, das idéias e dos fenômenos políticos contemporâneos e com o estudo histórico e sistemático do Brasil, encarado, igualmente, do ponto de vista econômico, sociológico, político e cultural.

Atendendo a necessidade de se tornar esses estudos mais sistemáticos – demanda diagnosticada pela “ala carioca” do Grupo de Itatiaia -, alguns meses depois, já em 1953, seria criado o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), responsável, entre 1953 e 1956, pela edição de cinco volumes dos *Cadernos de Nosso Tempo*. A importância do IBESP e dos *Cadernos* é que eles continham toda a ideologia do nacionalismo, que ganharia força cada vez maior no Brasil nos anos subsequentes, e serviriam de ponto de partida para a constituição do ISEB.

O ISEB foi fruto da institucionalização do IBESP no contexto governamental e representou uma singular reflexão sobre a problemática brasileira dos anos 50. Havia, um ano antes da criação oficial deste instituto, a idéia de se construir um instituto nos moldes do *College de France* ou, em termos latino-americanos, um instituto espelhado no *Colegio de Mexico*, sendo Hélio Jaguaribe o principal artífice na elaboração dos trabalhos preparatórios, com o nome de *Colégio do Brasil*. Outra proposta era fazer algo equivalente à *Presses Universitaires de France*, uma grande editora que permitisse ao intelectual brasileiro um instrumento dotado de ampla difusão de idéias e acesso a livros de alta cultura.

O suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, adiou o projeto, mas no ano seguinte, sob decreto presidencial, no âmbito do Ministério da Educação, foi criado o ISEB, reunindo um conjunto de atividades de estudos e ensino, com autonomia de pesquisa e cátedra, e dividido em departamentos, sendo que alguns acadêmicos desempenhariam atividades não-remuneradas, diante da verba bastante restrita.

Se o conceito de desenvolvimento, grosso modo, já era latente e transitava no campo das idéias, durante a era Vargas - e num contexto mais amplo, situado a partir da crise de 1930, quando a idéia de progresso foi substituída pela de desenvolvimento -, apoiada numa posição tripartite - forte presença do Estado, capital nacional (representada pela aliança com a burguesia e o empresariado brasileiro) e capital estrangeiro, num pacto político nacional, populista e desenvolvimentista – o ISEB, ao identificar e refletir os problemas concretos da realidade brasileira, tinha o propósito de apresentar alternativas (tendo como embasamento os campos de estudos específicos os quais a *intelligentsia* isebiana era participante).

O instituto fundamentava-se em três planos: um plano teórico geral, que visava a superação das limitações histórico-sociológicas marxistas (materialismo histórico) e positivistas (coisificação do evento social), ao mesmo tempo em que buscava compreender a problemática de caráter teórico-metodológico e do mundo contemporâneo; um plano teórico aplicado a realidade brasileira, que buscava uma análise estrutural da realidade brasileira; e um plano direcionado para o encaminhamento de uma *práxis* política, através da elaboração de uma ideologia nacional-desenvolvimentista que refletisse os anseios da sociedade brasileira.

O desenvolvimentismo foi o resultado de um plano de longo prazo, que começou em 1930, com o colapso de República Oligárquica, e que culminou na década de 1950. O suicídio de Vargas representou os últimos estertores da sociedade tradicional-agrária e o ingresso do Brasil, com a democracia populista, no processo cumulativo de desenvolvimento, que levaria a industrialização e modernização. No entanto, a década de 1960 trouxe o insucesso do projeto nacional-desenvolvimentista, já que a proposta inicial do ISEB, em seu cerne, foi abandonada, em face dos novos tempos de militância política deste instituto, em consonância com a época de turbulência política e social em que o país estava inserido.

O ISEB estudou as relações entre as ideologias, as estruturas sociais e as fases históricas da sociedade. Com base nas condições internas e externas, encontrou no projeto nacional-desenvolvimentista a resposta, sendo este modelo o que mais estava adequado ao desenvolvimento nacional brasileiro. O nacional-desenvolvimentismo, sob a ótica de interpretação isebiana buscava elaborar e implementar um projeto integrado de desenvolvimento social, econômico, político e cultural, a partir de uma concepção social-humanista, gerando uma democracia política e social, numa sociedade aberta para a realização igualitária, livre e racional. Este projeto privilegiava também a idéia de que os cenários nacional e internacional integravam uma sociedade de classes. A proposta nacional-desenvolvimentista era a de um nacionalismo mobilizador, que se por um viés dinamizava os interesses dos setores progressistas, por outro os conduziam a concessões recíprocas. Isso levaria, em última instância, a um desenvolvimento integrado do país.

A proposta nacional-desenvolvimentista do ISEB dirigia-se, notadamente, à burguesia nacional, que atuava em contraponto ao setor tradicional, representado pelas forças latifundiárias e mercantis, orientado, em sua sintaxe, à manutenção da antiga sociedade primário-exportadora.

Esta proposta endereçava-se igualmente ao setor progressista da classe média, através da mobilização e conscientização dos setores técnicos e gerenciais – originários da crescente industrialização -, destacando principalmente que seus interesses vinham ao encontro da transformação industrial que passava o Brasil.

O setor proletário também era alvo da proposta nacional-desenvolvimentista: os trabalhadores industriais e seus sindicatos deviam apoiar o processo de industrialização.

É importante deter especial atenção ao posicionamento dos intelectuais do ISEB, que já antes da criação deste instituto, apoiaram Vargas – e sua Revolução Nacional Brasileira - em 1930, se opondo ao golpe que o derrubara em 1945, e que posteriormente defenderam a eleição de Juscelino Kubitschek, do qual se esperava a continuidade da política nacional e industrializante de Vargas. Grosso modo, o desenvolvimentismo não surgiu com JK, mas foi um processo contínuo, que vinha desde 1930.

A problemática do desenvolvimento brasileiro expôs, desde o início do Governo JK, a existência de duas vertentes: 1) A tendência que sustentava a participação de capitais estrangeiros na economia brasileira para acelerar o ritmo de sua expansão; 2) A tendência que defendia o caráter autônomo do processo de industrialização no país, admitindo a presença do capital estrangeiro apenas sob o rígido controle do Estado.

Os conflitos provocados entre os adeptos dessas duas orientações causaram um ponto de cisão em dezembro de 1958, quando Hélio Jaguaribe publicou *O nacionalismo na atualidade brasileira*. O ISEB passou por uma clivagem: de um lado o grupo de posição problematizante do instituto (comandado por Helio Jaguaribe) e do outro, os que defendiam a idéia de que a fase teórica do instituto já havia chegado ao limite, e que era chegado o momento de se partir para uma ação mais progressista e transformadora do instituto.

Se antes existia uma tolerância ao capital estrangeiro dentro do instituto, a publicação de *O nacionalismo na atualidade brasileira* gerou o confronto aberto e críticas por parte de setores mais nacionalistas da sociedade brasileira, incentivados por Guerreiro Ramos – também integrante do ISEB. Esta querela fomentou a imediata saída de Guerreiro Ramos e alguns meses depois, o afastamento do próprio Jaguaribe, o que significou o fim da primeira fase do instituição, de sentido centro-esquerda, baseada na aliança de classes sob a direção da burguesia nacional – setor que dispunha da capacidade de liderar o processo de desenvolvimento nacional.

Hélio Jaguaribe apostava no capitalismo como único horizonte compatível com a fase histórico-social vivida pelo Brasil, concomitante à idéia de que a burguesia brasileira deveria ser hegemônica no processo de desenvolvimento industrial:

[...] se estas condições [o desenvolvimento capitalista acelerado] não forem preenchidas pela atual geração, a burguesia perderá inevitavelmente sua oportunidade histórica. E a comunidade brasileira, sob o imperativo de realizar a qualquer preço e de qualquer forma seu desenvolvimento econômico-social, será conduzida a optar pelo socialismo, de uma forma tanto mais radical e revolucionária, quanto maiores hajam sido o tempo perdido e o malogro da burguesia no cumprimento de sua tarefa. (JAGUARIBE, 1958: 94)

Guerreiro Ramos defendia a idéia de que o instituto devia assumir o ponto de vista da nação, propondo uma ideologia do desenvolvimento e uma ideologia da sociologia nacional. Intelectuais marxistas como Vieira Pinto refletiam sobre as massas populares capitaneando o processo de desenvolvimento. Já Nelson Werneck Sodré, um historiador de origem militar, marxista de convicção e destacado representante da corrente nacionalista do Exército, do então general Estilac Leal, não pretendia constituir ideologias nacionais, mas apenas fazer ciência, já que para ele, o proletariado não necessitava de uma ideologia, mas de uma ciência revolucionária para se opor e destruir a ordem burguesa. Contudo, Nelson Werneck Sodré compreendia o nacionalismo como inscrito na realidade subdesenvolvida, mantendo uma postura mais independente no interior do instituto.

Roland Corbisier liderou o ISEB em sua fase intermediária, nos anos de 1959 e 1960, quando a temática do instituto versava sobre a idéia de que, passada a fase teorizante e problematizante, devia-se mobilizar o país através do nacional-desenvolvimentismo. Mesmo que de forma menos organizada, concentrou-se nas grandes questões nacionais.

A partir de 1960, sob a direção do filósofo Álvaro Vieira Pinto e do historiador marxista Nelson Werneck Sodré, o ISEB entrou em sua fase derradeira, mais politizada, na direção de um socialismo populista, e homogeneizada em torno do debate das reformas sociais e econômicas – as quais os nacionalistas e os janguistas eram entusiastas.

O ISEB constituiu uma *intelligentsia* crítica do Brasil primário-exportador, representando ao mesmo tempo as idéias dos setores progressistas da sociedade, coligados e orientados para o desenvolvimento econômico-social, e a afirmação do nacionalismo. Procurou analisar, interpretar e formular o período da democracia populista e do nacionalismo desenvolvimentista.

Havia uma nítida sintonia deste instituto com o projeto industrializante do governo JK. Inclusive é possível afirmar que se chegou muito perto de um processo cumulativo e irreversível de desenvolvimento econômico e social.

Entretanto, uma conjunção de fatores fez com que esse horizonte se dissipasse. Como bem lembrou Hélio Jaguaribe, as condições de ordem estrutural do Brasil, no período imediatamente posterior (início dos anos 1960) tendiam para desvirtuar o plano inicial do ISEB, de um processo autônomo, genuinamente nacional de desenvolvimento econômico e social. A própria burguesia nacional, na década de 1950, não era dotada de força e consciência de classe para desempenhar o papel histórico o qual lhe fora preparado, e sem visão a longo prazo que não fosse apenas seu lucro empresarial imediato. Roberto Simonsen foi talvez a única exceção nesse quadro de letargia burguesa, sem, no entanto, encontrar herdeiro a altura para dar continuidade a esse processo.

Passados mais de 50 anos da criação do ISEB, permanece a certeza de que, mesmo em sua primeira fase teorizante (ou nacional-desenvolvimentista) ou em sua fase militante e politizada, o instituto sempre esteve comprometido com as causas sociais progressistas e de natureza democrática. Durante seus nove anos de existência, num período de alta efervescência política, foram formulados e intensamente debatidos projetos econômicos, sociais e culturais.

O Golpe de 1964 representou o *chant des cygnes* do ISEB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESSER PEREIRA, L. C. *O conceito de desenvolvimento do ISEB rediscutido*. Dados: Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 49-84, 2004.

MORAES, João Quartim de (Org). *História do Marxismo no Brasil. Teorias e Interpretações*. Editora Unicamp: Campinas, p. 299-336, 2007.

SCHWARTZMAN, Simon. *O pensamento nacionalista e os “Cadernos de Nosso Tempo”*. Brasília: UNB/Câmara dos Deputados, 1979 (Biblioteca do pensamento político republicano).

TOLEDO, Caio Navarro de. *50 anos de fundação do ISEB*. In: *Jornal da Unicamp*. Agosto de 2005.

TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

JAGUARIBE, Hélio. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro: Ed. Fondo de Cultura, 1962.

_____. *ISEB – Um breve depoimento e uma reapreciação crítica*. Cadernos de Opinião nº 14. Rio de Janeiro: Editora Inúbia, 1979.

_____. *O nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A verdade sobre o ISEB*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.